

Homilia do Santo Padre na XXVIII JMJ

28 de julho de 2013

Copacabana, Rio de Janeiro

Amados irmãos e irmãs,

Queridos jovens!

“Ide e fazei discípulos entre todas as nações”. Com estas palavras, Jesus se dirige a cada um de vocês, dizendo: “Foi bom participar nesta Jornada Mundial da Juventude, vivenciar a fé junto com jovens vindos dos quatro cantos da terra, mas agora você deve ir e transmitir esta experiência aos demais”. Jesus lhe chama a ser um discípulo em missão! Hoje, à luz da Palavra de Deus que acabamos de ouvir, o que nos diz o Senhor? Que nos diz o Senhor? Três palavras: *Ide, sem medo, para servir.*

1. *Ide.* Durante estes dias, aqui no Rio, vocês puderam fazer a bela experiência de encontrar Jesus e de encontrá-lo juntos, sentindo a alegria da fé. Mas a experiência deste encontro não pode ficar trancafiada na vida de vocês ou no pequeno grupo da paróquia, do movimento, da comunidade de vocês. Seria como cortar o oxigênio a uma chama que arde. A fé é uma chama que se faz tanto mais viva quanto mais é partilhada, transmitida, para que todos possam conhecer, amar e professar que Jesus Cristo é o Senhor da vida e da história (cf. *Rm 10,9*).

Mas, atenção! Jesus não disse: se vocês quiserem, se tiverem tempo, vão; mas disse: “Ide e fazei discípulos entre todas as nações”. Partilhar a experiência da fé, testemunhar a fé, anunciar o Evangelho é o mandato que o Senhor confia a toda a Igreja, também a você. É uma ordem, sim; mas não nasce da vontade de domínio, da vontade de poder. Nasce da força do amor, do fato que Jesus foi quem veio primeiro para junto de nós e não nos deu somente um pouco de Si, mas se deu por inteiro. Ele deu a sua vida para nos salvar e mostrar o amor e a misericórdia de Deus. Jesus não nos trata como escravos, mas como pessoas livres, como amigos, como irmãos; e não somente nos envia, mas nos acompanha, está sempre junto de nós nesta missão de amor.

Para onde Jesus nos manda? Não há fronteiras, não há limites: envia-nos para todas as pessoas. O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que parecem a nós mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. Não tenham medo de ir e levar Cristo para todos os ambientes, até as periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente. O Senhor procura a todos, quer que todos sintam o calor da sua misericórdia e do seu amor.

De forma especial, queria que este mandato de Cristo -“Ide” - ressoasse em vocês, jovens da Igreja na América Latina, comprometidos com

a Missão Continental promovida pelos Bispos. O Brasil, a América Latina, o mundo precisa de Cristo! Paulo exclama: “Ai de mim se eu não pregar o evangelho!” (*1Co 9,16*). Este Continente recebeu o anúncio do Evangelho, que marcou o seu caminho e produziu muito fruto. Agora este anúncio é confiado também a vocês, para que ressoe com uma força renovada. A Igreja precisa de vocês, do entusiasmo, da criatividade e da alegria que lhes caracterizam! Um grande apóstolo do Brasil, o Bem-aventurado José de Anchieta, partiu em missão quando tinha apenas dezenove anos! Sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outro jovem! Este é o caminho a ser percorrido por vocês!

2. *Sem medo.* Alguém poderia pensar: “Eu não tenho nenhuma preparação especial, como é que posso ir e anunciar o Evangelho”? Querido amigo, esse seu temor não é muito diferente do sentimento que teve Jeremias – acabamos de ouvi-lo na leitura – quando foi chamado por Deus para ser profeta: “Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, sou muito novo”. Deus responde a você com as mesmas palavras dirigidas a Jeremias: “Não tenhas medo... pois estou contigo para defender-te” (*Jr 1,8*). Deus está conosco!

“Não tenham medo!” Quando vamos anunciar Cristo, Ele mesmo vai à nossa frente e nos guia. Ao enviar os seus discípulos em missão, Jesus prometeu: “Eu estou com vocês todos os dias” (*Mt 28,20*). E isto é verdade também para nós! Jesus nunca deixa ninguém sozinho! Sempre nos acompanha.

Além disso, Jesus não disse: “Vai”, mas “Ide”: somos enviados em grupo. Queridos jovens, sintam a companhia de toda a Igreja e também a comunhão dos Santos nesta missão. Quando enfrentamos juntos os desafios, então somos fortes, descobrimos recursos que não sabíamos que tínhamos. Jesus não chamou os Apóstolos para que vivessem isolados; chamou-lhes para que formassem um grupo, uma comunidade. Queria dar uma palavra também a vocês, queridos sacerdotes, que concelebram comigo esta Eucaristia: vocês vieram acompanhando os seus jovens, e é uma coisa bela partilhar esta experiência de fé! Certamente isso lhes rejuvenesceu a todos. O jovem contagia-nos com a sua juventude. Mas esta é apenas uma etapa do caminho. Por favor, continuem acompanhando os jovens com generosidade e alegria, ajudem-lhes a se comprometer ativamente na Igreja; que

eles nunca se sintam sozinhos! E aqui desejo agradecer cordialmente aos grupos de pastoral juvenil, aos movimentos e novas comunidades que acompanham os jovens na sua experiência de serem Igreja, tão criativos e tão audazes. Sigam em frente e não tenham medo!

3. A última palavra: *para servir.* No início do salmo proclamado, escutamos estas palavras: “Cantai ao Senhor Deus um canto novo” (*Sl 95, 1*). Qual é este canto novo? Não são palavras, nem uma melodia, mas é o canto da nossa vida, é deixar que a nossa vida se identifique com a vida de Jesus, é ter os seus sentimentos, os seus pensamentos, as suas ações. E a vida de Jesus é uma vida para os demais. É uma vida de serviço.

São Paulo, na leitura que ouvimos há pouco, dizia: “Eu me tornei escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (*1 Cor 9, 19*). Para anunciar Jesus, Paulo fez-se “escravo de todos”. Evangelizar significa testemunhar pessoalmente o amor de Deus, significa superar os nossos egoísmos, significa servir, inclinando-nos para lavar os pés dos nossos irmãos, tal como fez Jesus.

Três palavras: *Ide, sem medo, para servir. Ide, sem medo, para servir.* Seguindo estas três palavras, vocês experimentarão que quem evangeliza é evangelizado, quem transmite a alegria da fé, recebe mais alegria. Queridos jovens, regressando às suas casas, não tenham medo de ser generosos com Cristo, de testemunhar o seu Evangelho. Na primeira leitura, quando Deus envia o profeta Jeremias, lhe dá o poder de “extirpar e destruir, devastar e derrubar, construir e plantar” (*Jr 1,10*). E assim é também para vocês. Levar o Evangelho é levar a força de Deus, para extirpar e destruir o mal e a violência; para devastar e derrubar as barreiras do egoísmo, da intolerância e do ódio; para construir um mundo novo. Queridos jovens, Jesus Cristo conta com vocês! A Igreja conta com vocês! O Papa conta com vocês! Que Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, lhes acompanhe sempre com a sua ternura: “Ide e fazei discípulos entre todas as nações”. Amém.



Dicas & Bizús

Por Saulo Toledo
21º Cursilho de Jovens



Queridos amigos, amados irmãos.

Nesta coluna sempre recebemos ótimas dicas de formação católica, para podermos aprofundar nossos conhecimentos e sermos evangelizadores de todos os ambientes que vivemos.

Desta vez não será diferente, contudo, vale dizer que esta não é apenas uma dica de um excelente livro, e sim a lembrança de um dever inerente ao Cursilhista.

Isso porque nesta obra encontraremos todas as explicações necessárias para participarmos do Cursilho-retiro, conhecido como CUR.

Dividido em seis partes, este livro nos indica os objetivos das mensagens expostas no CUR e a estrutura de cada uma delas, a fim de tornar uníssonos o retiro dos Movimentos, bem como orientar os mensageiros e dirigentes a como conduzir o encontro ou reencontro dos *neos* com o Cristo Salvador.

Assim, tenho que *O Cursilho Por Dentro – ambientação e esquemas*, é uma obrigação para todo aquele que pretende fazer do CUR um início de conversão e aceitação dos *neos* à vida regrada pelos ensinamentos de Jesus Cristo.

Um abraço a todos, e em especial ao meu amigo **Gui Migoto** que, com muito carinho, deu-me um exemplar em meados de 2013, com direito a uma bela dedicatória.

#FalaPeregrino

Por Elias Kassab – 20º Cursilho de Jovens

Olá, irmãos em Cristo. Estamos aqui para um bate papo sobre um tema extremamente complexo, no qual por todos os lados que olharmos haverá muitas interpretações. Este tema se chama “O PERDÃO”.

O **perdão** é um processo mental ou espiritual de cessar o sentimento de ressentimento ou raiva contra outra pessoa ou contra si mesmo, decorrente de uma ofensa percebida, diferenças, erros ou fracassos, ou cessar a exigência de castigo ou restituição.

O perdão pode ser considerado simplesmente em termos dos sentimentos da pessoa que perdoa, ou em termos do relacionamento entre o que perdoa e a pessoa perdoada. É normalmente concedido sem qualquer expectativa de compensação, e pode ocorrer sem que o perdoado tome conhecimento (por exemplo, uma pessoa pode perdoar outra pessoa que está morta ou que não vê há muito tempo). Em outros casos, o perdão pode vir através da oferta de alguma forma de desculpa ou restituição, ou mesmo um justo pedido de perdão, dirigido ao ofendido, por acreditar que ele é capaz de perdoar.

O perdão é o esquecimento completo e absoluto das ofensas, vem do coração, é sincero, generoso e não fere o amor próprio do ofensor. Não impõe condições humilhantes, tampouco é motivado por orgulho ou ostentação. O verdadeiro perdão se reconhece pelos atos e não pelas palavras.

Em Mateus 18:21-22, podemos observar que não existe quantidade para se perdoar: “Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: ‘Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?’ Jesus respondeu: ‘Eu digo a você: Não até sete, mas até setenta vezes sete.’”

Pecar é humano e quando somos feridos, abusados, ou insultados a reação da “carne” (a natureza caída) é revidar. Nós maquinamos revanche, ou nos afundamos em amargura. Isto é “humano”. Mas Deus requer perdão, senão Ele não nos perdoará. Se não quisermos - ou não pudermos - perdoar, então não há razão para orarmos por perdão, porque Deus nos disse claramente que não o receberemos. Também não adianta evitarmos o assunto nos distraíndo com obras religiosas, ou louvores a Deus quando nossos corações estão cheios de pecado.

Existem diversas passagens na Bíblia que nos ensinam a importância de perdoar, bem como o poder do perdão, como em Marcos 11:25-26, em que vemos que o Jesus só irá nos perdoar se nos entregarmos de coração para o perdão: “E, quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial perdoe os seus pecados. Mas se vocês não perdoarem, também o Pai que está nos céus não perdoará os seus pecados”.

Assumimos que o ensinamento de Mat. 6:15 e outros versículos semelhantes são entendidos e reconhecidos como verdadeiros, e assim vemos que perdoar é mais difícil e, por outro lado, mais fácil, do que pensávamos.

Pense em algo verdadeiramente mau que foi feito contra você ou alguém que você ama, não por acidente ou erro, mas deliberadamente e com malícia. Sentimos um aperto no peito que nos torna extremamente vingativos e rancorosos, mas ao perdoar, tudo que enseja a raiva e a vingança deve desaparecer junto com o sentimento do mal. O ato de perdoar, não só nos alivia de uma dor interna, mas nos livra de um mal maior, traz-nos uma paz espiritual que nos faz sentir uma leveza, ao ponto de nem lembrarmos mais o ocorrido.

Portanto, posso lhes garantir que perdoar é aceitar Deus no coração, é abrir o coração para todos os ensinamentos de Jesus, é simplesmente amar.

Que a Paz do Senhor esteja com todos, e que o amor de Cristo que nos uniu, nunca nos abandone.

BENTO

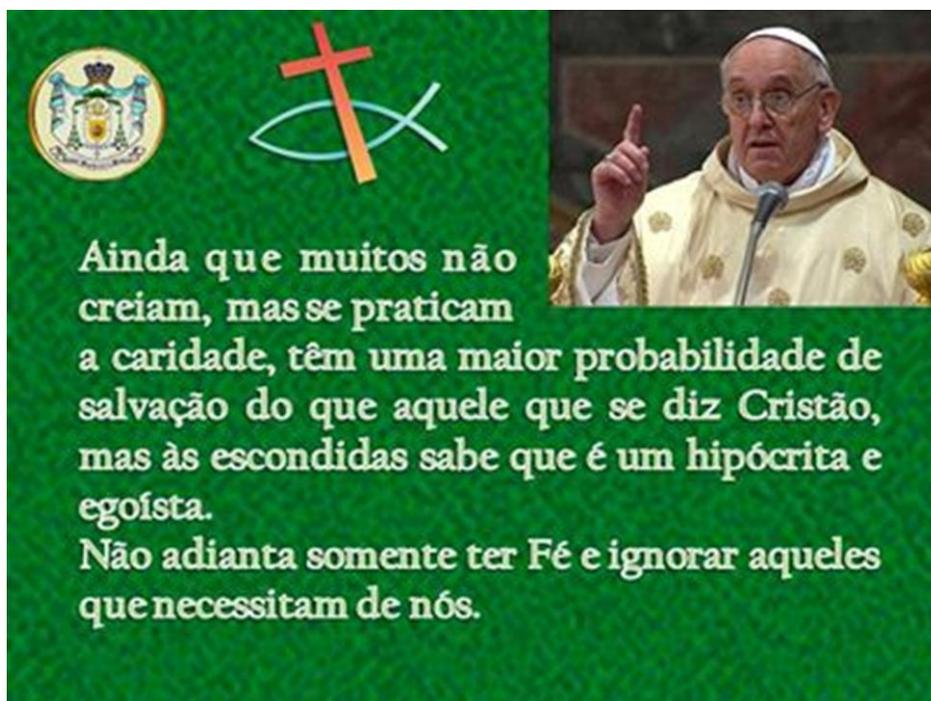


Roteiro: Paola Fonseca Barbosa – 21º Cursilho de Jovens / Ilustração: André “Hiper” Pereira – 20º Cursilho de Jovens



Palavras da Coordenação

Por Renata Oliveira – 17º Cursilho de Jovens



O valor do companheirismo

Quantas vezes você parou para pensar no valor que há nas pessoas que trabalham ao seu lado?

Aquelas que estão no seu dia-a-dia e sempre prontas para te apoiar?

Talvez não se consiga perceber o valor que elas tem para você e o seu trabalho, porque às vezes são apoios tão pequenos e frequentes que se tornam até naturais, como se fossem parte da responsabilidade, mas na verdade não são.

Muitas vezes as pequenas coisas que as pessoas fazem, significam tudo para o seu dia ou simplesmente para você. É uma palavra, uma pergunta ou uma gentileza que nos faz esquecer que o dia está “pesado” ou até torna o nosso dia melhor.

Quando alguém fizer por você, valorize. Porque a pessoa faz por querer o seu bem e não porque é obrigada.

O companheirismo é isso. Você saber que pode contar com a outra pessoa e ela com você. Sempre. Como se fosse natural e sem ser “forçado”.

Somente quando as pessoas se conhecem e se respeitam, é que elas sabem valorizar os pequenos gestos que demonstram que ser companheiro é fazer parte do dia-a-dia e que o resultado é para todos.

Se você escolher ver mais as pessoas que o cercam, certamente vai identificar os verdadeiros companheiros em muitos que você nem imagina que sejam.

E como é importante saber com quem você pode realmente contar e também deixar os outros saberem que podem contar de verdade com você.

No mundo dos negócios, se você não estiver “jogando junto” não funciona.

Você precisa exercitar o companheirismo com os seus colegas e as pessoas com quem você convive porque é pelo seu exemplo que os outros vão entender o quanto é importante ser companheiro.

É ter maturidade demonstrar que você é companheiro, e que valoriza este posicionamento, porque as pessoas vão fazer o mesmo por si. Você planta o que colhe, certo?!

Olhe para os outros e veja. Faça os outros verem através de si.

Seja companheiro com os seus e valorize quem o é consigo.

O resultado é você e os outros se olharem de verdade.

Um grande abraço e VIVA A VIDA!

DECOLORES



Diretrizes do Cursilho

Marcão – 11º Cursilho de Jovens

Paz e bem, irmão Cursilhista! É um prazer lhe falar novamente, desta vez por meio do nosso jornal. Sendo assim, sob a égide de São Paulo Apóstolo e guiado pela luz do Evangelho de Cristo, convido você, Cursilhista, a pensar sobre o seu quarto dia. A proposta é de retomar um pouco na memória quando se iniciou o seu quarto dia, repensar um pouco os altos e baixos, e as alegrias e “frustrações” desde então. Feito esse exercício de relembrar, vamos um pouco mais além: o que é pra você o quarto dia? É certo que o dia seguinte aos três passados dentro da Casa de Cursilhos foi inesquecível, muitas coisas novas aprendidas, experiências e vivências para se contar, e uma emoção que dificilmente se pode descrever com total fidelidade.

Contudo, o Cursilho não se resume apenas a uma expediência de fim de semana, um simples retiro ou uma terapia de grupo. É uma experiência profunda de fé, de transformação pessoal e religiosa. É bem mais ampla. O Cursilho nos pede que sejamos fomentadores do Evangelho em nossos ambientes e estruturas sociais, pelo testemunho e pela ação pessoal. Juntamente com a Igreja local, somos chamados a assumir o mandato de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura!” (Mc 16,15) O que nos é proposto é mais que um convite do Cursilho ou um chamado da Igreja local; é o próprio Cristo que nos pede. É necessário ouvir o pedido de Jesus e, por onde você passar, Cursilhista, seja um anunciador da Boa-Nova. O que Cristo lhe pede é simples, não é necessário que você faça discursos, ou que reúna multidões para anunciar o Evangelho. Basta um gesto, basta que seu testemunho sirva de prova viva e fiel do pedido de Cristo, pois *“Ele é incessante e eterna entrega, dom de si para o outro. É contínuo convite aos discípulos missionários, e por meio deles, a toda humanidade para segui-lo em meio às diferenças e desencontros. O encontro com Jesus Cristo é acolhimento da graça do Pai que, pela força do Espírito, revela o Salvador e atua no coração de cada pessoa, possibilitando-lhe essa resposta.”* (Doc. 94 CNBB).

Neste momento você, meu caro leitor, deve estar se perguntando: mas e o “quarto dia”, onde entra nessa história? Pois bem, o “quarto dia” é o momento que você, Cursilhista, tem para pôr em prática tudo que teve a oportunidade de vivenciar nos três dias de retiro e nos núcleos ambientais, sejam eles os encontros de domingo ou na Escola Vivencial. O convite final que faço é o de se viver o “quarto dia” baseando-nos no pedido do Papa Francisco, pois ele nos pede que tenhamos todos a coragem de viver a alegria do Evangelho: *“A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. (...) Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. (EG, 01)”*. Viva o seu quarto dia à luz do Evangelho. Eu escolhi viver por esta passagem: *João 13, 34-35 “Eu vos dou um novo mandamento, que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Por meio disso saberão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor entre vós”*.

Testemunho

Luck Franciole Martins – 23º Cursilho de Jovens

Minha vida: venho de uma família católica, minha mãe é a minha força e a minha base, o meu exemplo de fé e esperança. Meus pais se separaram quando eu tinha entre 11 e 12 anos de idade, e eu era muito apegado ao meu pai. Sofri muito por isso, ele se afastou e tivemos algumas dificuldades em casa. Minha mãe sustentava tudo sozinha, então eu comecei a vender coxinha pela rua para poder ter meu dinheiro. Eu me apeguei muito à família de um amigo, pois o pai dele me levava sempre para viajar junto da sua família, e teve uma época que meu amigo começou a usar drogas e eu fui “no embalo”. Comecei a beber e a usar drogas, mas graças a Deus eu consegui enxergar o caminho da luz e fui convidado para fazer um retiro que se chama JÁ – Jesus Agora, que é em Pindamonhangaba, me fez muito bem e deu um novo sentido para minha vida. Até que, com 15 anos de idade, eu consegui um emprego de *office boy* em um escritório de Despachante, no qual a pessoa me acolheu como se fosse um filho, me levava para passear, me dava conselhos etc. Foi como um segundo pai e hoje em dia somos amigos. Depois fui para a faculdade e mais uma vez me deixei levar pelas bebidas e drogas, me afastei de Deus, estava trabalhando como *motoboy*, vivia na correria e super cansado. Muitas vezes nem conseguia assistir a aula e acabava dormindo, mas graças novamente a Deus, eu consegui um estágio em uma empresa, o que me ajudou muito, me preparou para o mundo em que eu vivo. Foi também no momento em que eu tive a minha primeira namorada e nasceu desse relacionamento a minha filha, Ana Clara, que hoje em dia tem 10 anos. Meu pai perdeu tudo o que ele tinha com mulheres e bebidas. Ele tinha uma empresa de construção, construía e revendia, então ele fechou a empresa e foi vendendo tudo. Chegamos a interná-lo em um hospital de tuberculose em Campos do Jordão, mas ele fugiu e depois de um tempo entrou com ação judicial pedindo pensão alimentícia para os filhos, sendo que já o ajudávamos. Daí, um certo dia, ele foi na frente de casa bêbado, e começou a discutir com a minha irmã. Eu fui saber o motivo da discussão, e nesse momento ele começou a discutir comigo e puxou uma faca para tentar me matar. Ele estava totalmente alcoolizado, não tinha noção do que estava fazendo, até porque dias depois ele não se lembrava de nada. Mas depois disso eu participei de outros retiros, fiz o Aldeia de Vida, sempre tentei me aproximar mais de Deus. Até que, há quase dois anos, eu estava na “curtição” e conheci um grupo novo de pessoas que saíam todo final de semana: só balada, bebida e drogas. E quando dei por conta lá estava eu novamente. Foi quando eu me afastei de todos e busquei me aproximar mais de Deus, e percebi que não tinha amigos, pois eles só me perguntavam se eu iria sair com eles, e por eu te escolhido não curtir mais essa vida louca, eles sumiram. Não perguntaram como eu estava, e foi como se tivessem “passado a borracha”. E com isso tudo fui me fortalecendo aos poucos... No começo desse ano eu sentia que precisa de mais, de algo em que eu pudesse me envolver. E foi quando eu, conversando com uma pessoa que trabalha comigo e que também é super católica, descobri o Cursilho. Eu me interessei e pedi para que quando fosse ter, que ela tentasse me arrumar uma ficha, e hoje aqui estou entre novos irmãos, me fortalecendo cada vez mais. Parece que foi tudo na hora certa da minha vida. E nesse caminho da minha vida eu tenho uma linda filha, que se afastou muito de mim depois que a mãe dela se casou, pois foram morar em outra cidade. Mas sempre que posso eu estou presente, e oro muito a Deus para que ilumine a mãe dela, e que ela, bem como possa me ajudar a reconquistar a minha filha. Quero ficar mais perto dela, pois é muito difícil a minha relação com a mãe dela e é ela quem tem dificultado muito as coisas. Meu pai foi um grande homem, bondoso porém muito fraco, já o perdoei mas ainda não consigo me aproximar dele. Porém é algo que estou melhorando dentro de mim, e sei que Deus está me fortalecendo. Ele anda muito doente, e sei que precisa da minha ajuda. **Cada momento de vida é um dom de Deus. A Bíblia diz, em Salmos 39:4: “Faze-me conhecer, ó Senhor, o meu fim, e qual a medida dos meus dias, para que eu saiba quão frágil sou”**.



A LEITURA E O ESTUDO DA PALAVRA DE DEUS – EG 175

Por Côn. Carlos Antônio da Silva
Vigário Judicial do Tribunal Eclesiástico de Aparecida

Gostaria de comentar brevemente um pequeno parágrafo da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, que traz uma missão para a Igreja. Trata-se do n. 175:

O estudo da Sagrada Escritura deve ser uma porta aberta para todos os crentes. [*Sínodo dos Bispos sobre Nova Evangelização Cf. Propositio 11.*] É fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé [DV 21-22]. A evangelização requer a familiaridade com a Palavra de Deus, e isto exige que as dioceses, paróquias e todos os grupos católicos proponham um estudo sério e perseverante da Bíblia e promovam igualmente a sua leitura orante pessoal e comunitária [VD 86-87]. Não buscamos tateando, nem necessitamos esperar que Deus nos dirija a palavra, porque realmente “Deus falou, já não é o grande desconhecido, mas mostrou-Se a Si mesmo” [*Bento XVI, Discurso durante a 1ª Congregação geral do Sínodo dos Bispos (8 out 2012): AAS 104 (2012), 896*]. Acolhamos o tesouro sublime da Palavra revelada!

Esse pequeno texto apresenta como fontes as *Proposições* do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização, um Discurso de Bento XVI na 1ª Congregação geral do mesmo Sínodo, a Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* e a Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina, da qual, de certo modo, dependem todos os demais documentos. Basta a leitura do citado texto da *Dei Verbum* para perceber como o Papa Francisco se apresenta como um herdeiro fiel do Concílio Vaticano II:

É preciso que os fiéis tenham acesso patente à Sagrada Escritura. (...) visto que a palavra de Deus deve estar sempre acessível a todos, a Igreja procura com solicitude maternal que se façam traduções aptas e fiéis nas várias línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos livros sagrados (DV 22).

Ao ouvir esse texto, recordamos logo de um dos direitos fundamentais do fiel cristão, contemplado pelo c. 213 — “Os fiéis têm o direito de receber dos sagrados Pastores os auxílios hauridos dos bens espirituais da Igreja, sobretudo da palavra de Deus e dos sacramentos”. O Papa, ao afirmar que “o estudo da Sagrada Escritura deve ser uma porta aberta para todos os crentes” parece simplesmente reafirmar um direito já consagrado, o que tornaria suas palavras quase desnecessárias. A questão, porém, é mais complexa.

Mesmo passados já quase cinquenta anos da promulgação da *Dei Verbum*, que, no texto citado pelo Papa, afirmava a necessidade do acesso dos fiéis às Sagradas Escrituras (“é preciso que os fiéis tenham acesso patente à Sagrada Escritura” – *Dei Verbum* 22), permanece o desconhecimento, quando não a desconfiança ou oposição, em relação a esse mesmo acesso dos fiéis leigos às Escrituras.

Pode-se afirmar que essa postura (de não permitir, ou ao menos não aconselhar que os fiéis leiam a Bíblia) não representa a grande Tradição da Igreja. Com efeito, no período Patrístico encontramos uma grande valorização dos textos sagrados e muitos são os sermões, discursos e comentários que tinham como objeto a meditação os textos escriturísticos. Também não encontramos textos que proibam ou desaconselhem os fiéis leigos à leitura da Escritura Sagrada. Antes, parece significativa desse período a posição de São Gregório I Magno, atestada em dois escritos: Procura, portanto, te peço, meditar cada dia na palavra do teu Criador, aprender a conhecer o coração de Deus nas palavras de Deus[1].

Em confronto com toda ciência e todo saber humano, a Sagrada Escritura é de tal modo superior que eu não posso ficar calado. De fato ela anuncia a verdade, chama à Pátria celeste; muda o coração de quem a lê e afasta dos desejos terrenos e faz abraçar os celestes; ela mantém ocupados os fortes com frases mais escuras, enquanto atrai os pequenos com discursos simples; não é tão inacessível que nos possa dar medo, nem tão clara que nos leve a não a valorizar. A sua familiaridade afasta o aborrecimento: quanto mais se medita mais se ama; ela vem em ajuda do ânimo do leitor com palavras simples, ou eleva-os aos sentimentos mais sublimes; em certo sentido, ela cresce na medida em que é lida; também os leitores menos espertos podem compreendê-la em parte, e os doutos a encontrarão sempre nova[2].

As coisas, porém, não permaneceram sempre assim. Traumatizada com a Reforma protestante e com o recurso que esta fez aos Livros Sagrados, a hierarquia católica tomou uma posição que se mostrou muito diferente, para não dizer contrária à práxis anterior. Tal já se encontra atestado pelas *Regras tridentinas sobre os livros proibidos*, elaboradas por 22 Padres conciliares, aos quais foi confiada a elaboração de um *Index* de livros proibidos, que por falta de tempo não chegaram a ser aprovadas em Aula conciliar, sendo depois confirmadas pela Constituição *Dominici gregis custodiae* de Pio IV. A terceira dessas *Regras* diz:

Traduções do Antigo Testamento poderão ser concedidas só a homens (*viris*) doutos e piedosos, a juízo do bispo ou do inquisidor, contanto que tais traduções sejam usadas como elucidações da edição Vulgata para compreender a Sagrada Escritura, não, porém, como um texto suficiente em si. As traduções do Novo Testamento feitas por autores da primeira classe desse *Index* não sejam permitidas a ninguém, porque da sua leitura costuma derivar para os leitores bem pouca utilidade e muitíssimos perigos[3].



Peregrinus

Não se trata de questionar a boa fé dos Padres de Trento, mas não se pode deixar de perceber uma falha na avaliação das causas da Reforma, com a consequência de uma escolha de solução no mínimo equivocada. Confirma-o os textos dos anos que se seguiram, que chegam a ser escandalosos aos ouvidos atuais. Assim, bastante significativo dessa mentalidade é a constituição *Unigenitus* (08 set 1713) de Clemente XI, que condena os erros de Pasquier Quesnel:

79. É útil e necessário em todo tempo, em todo lugar e para toda espécie de pessoas estudar e conhecer o espírito, a piedade e os mistérios da Sagrada Escritura – 1Cor 14,5.
80. A leitura da Sagrada Escritura é para todos – At 8,28.
81. A santa obscuridade da palavra de Deus não é para os leigos um motivo para dispensar-se de sua leitura – At 8,31.
82. O dia do Senhor deve ser santificado pelos cristãos com leituras piedosas, sobretudo das sagradas Escrituras. É condenável querer tirar o cristão dessa leitura – At 15,21.
83. É um engano persuadir que o conhecimento dos mistérios da religião não deva ser comunicado às mulheres mediante a leitura dos livros sagrados. Não da simplicidade das mulheres, mas da soberba ciência dos varões surgiu o abuso das Escrituras e nasceram as heresias – Jo 4,26.
84. Afastar das mãos dos cristãos o Novo Testamento, ou então conservá-lo fechado, privando-os do modo de compreendê-lo, é fechar para eles a boca de Cristo – Mt 5,2.
85. Proibir aos cristãos a leitura da Sagrada Escritura, de modo particular do Evangelho, é proibir o uso da luz aos filhos da luz e fazer como se sofressem uma espécie de excomunhão – Lc 11,33.[4]

As citadas proposições, que nos parecem hoje perfeitamente razoáveis, não expressam o pensamento de Clemente XI, mas fazem parte do elenco de (supostos) erros que ele pretendia preservar. Chega a doer nos ouvidos o juízo emitido pelo Papa (ainda que possa referir-se mais diretamente a outras das 101 proposições condenadas):

Nós declaramos, condenamos e rejeitamos... as proposições acima elencadas, respectivamente como falsas, fraudulentas, malsonantes, ofensivas aos ouvidos piedosos, escandalosas, perniciosas, temerárias, ofensivas para a Igreja... ímpias, blasfemas, suspeitas de heresia, e com sabor de heresia, e ainda aptas a favorecer os hereges...[5]

As condenações de Clemente XI foram seguidas por outras proibições de tradução e leitura da Bíblia em língua vernácula, bem como condenações das Sociedades Bíblicas que se multiplicavam no meio protestante; assim, por exemplo, a Carta *Magno et acerbo* de Pio VII ao arcebispo de Mogilew (03 set 1816)[6], a encíclica *Ubi primum ad summi* de Leão XII (05 mai 1824)[7], a encíclica *Traditi humilitati* (24 mai 829)[8] e a encíclica *Inter praecipuas machinationes* de Gregório XVI (08 mai 1844), que deplora o fato *deveras absurdo e quase inaudito* de se dar acesso às Sagradas Escrituras também aos infieis[9].

As coisas, felizmente, mudaram, retornando ao que se mostra como a autêntica Tradição da Igreja, o incentivo à leitura e meditação das Escrituras sagradas por todos os fiéis. Com efeito, a afirmação do Papa Francisco, que “*estudo (o conhecimento) da Sagrada Escritura deve ser uma porta aberta para todos os crentes*” implica primeiramente numa verdadeira confiança no poder salvífico da Palavra do Senhor. Nesse sentido parece-me que deva ser entendida a afirmação da necessidade “*fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé*”, tomada da *Dei Verbum* 21-22. Isso mesmo quando não acontece a compreensão “racional” dos mesmos. Assim por ex. o sentido de muitos Salmos permanece obscuro para muitos que os recitam na Liturgia das Horas, sem que, por isso, deixem de se beneficiar da graça santificadora proporcionada pela oração litúrgica.

Ligado a este está o 2º elemento: o acesso do povo de Deus à Bíblia como forma de oração, ou, dizendo de outro modo, que a Palavra de Deus penetre na oração e na piedade popular. A isso se refere à afirmação da necessidade de se promover leitura orante pessoal e comunitária da Bíblia. A piedade popular não pode ficar à margem das Sagradas Escrituras, mas deve penetrá-la; assim, o elemento já precioso da devoção popular torna-se ainda mais rico.

O 3º seria a importância do estudo “científico” da Escritura, “*um estudo sério e perseverante da Bíblia*”, que o Papa diz ser uma exigência para as “*dioceses, paróquias e todos os grupos católicos*”. A respeito disso o Papa se alonga mais quando trata da homilia (cf. EG nn. 147-148): é preciso estudar para aproveitar melhor as riquezas de um texto de dois ou três mil anos, com o qual Deus se dignou falar a seu povo. É necessário o estudo para conhecer o gênero literário, a mensagem principal, aquela que o autor quis transmitir.

Possa a exortação do Santo Padre promover um novo impulso no amor e no conhecimento da Palavra divina.



[1] Carta a Teodoro, médico do imperador, PL 77, 706AB.

[2] Gregório I, *Moralia in Job*, PL 76, 149A.

[3] Regras tridentinas sobre os livros proibidos, confirmadas pela Constituição *Dominici gregis custodiae*; DHü 1853.

[4] Constituição *Unigenitus Dei Filii*; DHü 2479-2485.

[5] DHü 2502.

[6] DHü 2710-2712.

[7] Documentos da Igreja sobre a Bíblia 145-147.

[8] Documentos da Igreja sobre a Bíblia 147-148.

[9] Documentos da Igreja sobre a Bíblia 149-157.

